

CANTIGA DE AMIGO

Glacy Camargo Sêcco*

Resumo: Trata-se de um estudo filológico centrado em cantiga do trovador Pero Meogo.

Abstract: This essay deals with a philological study based on a ballad by the minstrel Pero Meogo.

Palavras-chave: cantiga; etimologia; trovadorismo português

Key words: ballad; etymology; Portuguese minstrelsy

1. Introdução

Quando se inicia a atividade literária em Portugal?

A literatura portuguesa nasce, por razões históricas, quase simultânea à autonomia da nação lusa (1143) com Afonso Henriques.

Em 1198, surge o primeiro documento de valor estético, uma cantiga de amor, cuja autoria se deve a Paio Soares de Taveiros, dedicada a Maria Pais Ribeiro, A Ribeirinha, favorita de D. Sancho I.

A Idade Média, apesar do fanatismo, via de regra, da população esfomeada e andrajosa, dos cultos demoníacos, não foi aquela noite longa e tenebrosa, não; houve, sim, traços propedêuticos e luminosos até. Do labor dos alquimistas decorreu, mais tarde, a química. Os religiosos preservavam as obras-primas da mente humana. As universidades despertavam o gosto pelo estudo. O cavaleiro exaltava a mulher, a senhora por quem lutava. Não obstante a devassidão, o amor surgia puro, levando à glória ou à morte, fonte de tudo que há de divino nos homens e fazia cantar. Daí, a

* Universidade Estadual de Ponta Grossa

primeira expressão artística medieval: a poesia; daí, a primeira escola: a provençal ou trovadoresca.

A poesia provençal, ao findar o século XI, partiu da Provença, levada pelos “troubadours”. Porque o Condado era a parte mais culta do país, brilhante lhe foi a floração poética. A região rica e farta atraiu uma população cosmopolita que valorizava a arte, amava a vida, exaltava o prazer, cultivava o espírito e renovava a poesia.

O amor era o motivo constante de todas as composições, embora constituísse fingimento, mais um produto da imaginação e da inteligência que da sensibilidade. Eis que surge o amor cortês, essência e base da atividade trovadoresca.

Têm-se como principais causas da irradiação da poesia provençal:

- os guerreiros e as Cruzadas;
- os trovadores e segréis visitantes de cortes estrangeiras;
- as romarias (Santiago de Compostela);
- os casamentos principescos;
- a escolha de prelados;
- os colonos e a repovoação de terrenos devastados.

Classes de poetas cultivavam a poesia medieval:

- os **trovadores** (poetas-autores) nobres, príncipes e reis que poetavam por prazer, semelhavam-se aos “aedos” gregos, que buscavam o Belo pelo Belo.
- o **jogral** vinha do povo, vilão de nascimento, cantor e executante de produção alheia; podia aparecer cômico.
- o **segrel** era nobre ou era desqualificado, abastardava a poesia, vendendo-a.

Todavia, trovar era o único termo que caracterizava a atividade intelectual do poeta; trova, o termo genérico de criação poética. O nome trovador aplicava-se a todos que poetassem, mesmo se recebessem gratificação ou pertencessem à classe de baixa-extração.

Do lirismo occitânico participavam as composições acompanhadas de instrumentos musicais, daí chamadas cantigas, canções ou cantares.

São modalidades poéticas portuguesas:

- **cantigas de amigo**: de caráter legitimamente peninsular, isto é, sem influência da Provença. Segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos, o objetivo delas é a “niña en cabelo”, a dona-virgo, cujos sentimentos nelas se caracterizam com

a palavra amigo (namorado) e o estribilho ou refrão. Não raras vezes paralelísticas não só pelo cunho popular por excelência, também pela contextura. As cantigas de amigo, geralmente, estão presas à vida militar e à religiosa dos séculos XI e XIII, com referências a árvores, flores, aves, fontes, mar e romarias.

- **cantigas de amor:** importadas da Provença trazem alterações. O trovador provençal rende a vassalagem amorosa a uma senhora, cujo nome não é revelado; enquanto o poeta luso se apaixona por moça solteira para fazê-la noiva e esposa.

- **cantigas de escárnio e maldizer:** ainda que do gênero satírico, apresentam-se de tipos diferentes com irregularidades da vida social e doméstica. Nelas há considerações ridículas da sociedade licenciosa. Nas primeiras, o ataque é velado e discreto; nas segundas, duro, impiedoso, malévolos. Os erros levam os autores à sátira quer de grandes quer de pequenos.

A produção poética da época foi compendiada nos Cancioneiros.

2. Pero Meogo: uma cantiga de amigo.

2.1. Notícia sobre o autor

Meogo ou Moogo Levada “pela palavra Moogo, Carolina Michaelis de Vasconcelos crê que este trovador foi um jogral, que, a exemplo de alguns provençais, tivesse abandonado o convento para com seus versos divertir a plebe, ou então poderá ter sido um clérigo de Sanfiz (S. Feliz, hoje Sanfins) que a Revista Crítica I, p. 348 dá como vivo em 1271.

2. 2. Texto

Dicatis, filia, mea filia, bellita,
pro qui tardavistis in illa fontana frigida.

Illos amores habeo.

Dicatis filia, mea filia lautiana
pro qui tardavisti in illa frigida fontana.

Illos amores habeo.

Tardavi, mea mater, in illa fontana frigida
cervos de illu monte illa aqua volviant.

Illos amores habeo.

Tardavi, mea mater, in illa frigida fontana
cervos de illu monte volviant illa aqua.

Illos amores habeo.

Mentiri, mea filia, mentiri pro amicu,
nunquam vidi cervi qui volvesse illu rivu.

Illos amores habeo.

Mentiri, mea filia, mentiri pro amatu,
nunquam vidi cervu qui illu volvesse altu.

Illos amores habeo.

2. 3. Versificação

Trata-se de uma cantiga de refrão 6x (2+1) com estrofes paralelísticas: aa – B

Os três pares de dísticos do corpo da cantiga estão formados por versos decassílabos graves em sua maioria, acentuados na 4.^a, 7.^a e 10.^a sílabas os versos 2, 7, 14 e 17. Quanto às rimas, são consoantes no segundo dístico e assoantes nos demais. O refrão é monóstico com pentassílabo agudo não-relacionado, pela rima, com os demais versos da cantiga.

2. 4. Comentário etimológico

Dicatis – T. p. *dico, dices, dixi, dictum, dicere*, 2.^a conjugação, *ere*. 2.^a pessoa plural, presente do subjuntivo, pelo imperativo (*digais, dizei*). *Dicatis* > *digades* > *digaes* > *digais*. A desinência pessoal *des* vem do latim *tis*.

Mea – *mia* > *mya* > *mha* > *ma*

Filia – *filia* > *filya* > *filha*

Bellita – adjetivo fem. ou substantivo. Trata-se de étimo controvertido, em

geral, indicando *bellitu*, participio de *bellire*, forma derivada de *bellus*. Em castelhano *bellido* reforça o étimo indicado. Nas cantigas de Meogo aparece a forma substantivada como era freqüente nas cantigas de amigo. *Levou-s'á velida* = *Levantou-se a bela*.

Por que – advérbio interrogativo. Procede de *pro qui*. Antigamente era grafado junto. Hoje, grafa-se separado. *Pro* > *por*; *qui* > *qwe* > *que*.

Tardastis – Tp. tardo, *as, avi, atum, are*. 1.ª conjugação, 2.ª pessoa plural do pretérito perfeito do indicativo. *Tardavistis* > *tardastis* > *tardastes*.

Na – *in + illa* > *en + ela* > *en + la* > *enna* > *ena* > *na*. Combinação da preposição *in* com o artigo definido feminino singular *illa*, *in* > *en*; *illa* > *la*. *Ena* em posição proclítica resultou *na* por aférese do /e/. Em Meogo aparecem *ena* e *na*. *Ena* fonte (C I, v 5).

Fontana – substantivo comum, feminino. Do latim: *fontana*. Forma arcaica para designar fonte (do latim *fonte*). O autor emprega ora uma ora outra forma. *Fontaine* ao lado de *source* permanece no francês.

Fria – Adjetivo feminino, do latim *frigida*. *Frigida* > *frigda* > *frida* > *fria*. No espanhol, *fria*; italiano, *fredda*; francês, *froide*.

Os – Do latim *illos* > *elos* > *los* > *os*

Amores - do latim *amores*. Substantivo masculino, plural. Haver amor por ter amor por estar apaixonado (amor, paixão).

Ey – Tenho, *hey*. É usual em tempos arcaicos a ausência do *h* etimológico e a grafia do /y/ por /i/. Na época não havia ainda nenhuma sistematização ortográfica. Os autores escreviam os vocábulos como os pronunciavam. Trata-se do primeiro período da História da Ortografia Portuguesa, denominado fonético, que antecedeu ao período denominado pseudo-etimológico (Duarte Nunes Leão) e ao período simplificado ou científico (Gonçalves Viana). O verbo haver, historicamente, equivale a ter. Hoje, têm-se resquícios nos tempos compostos: havíamos dito por tínhamos dito. *Habeo* > *haio* > *hai* > *hei* (*ey*).

Louçana – adjetivo e substantivo femininos. Do latim *lautiana* (Cortesão), derivado de *lautia*, forma vicária da clássica *lautus* (no masculino), que significa suntuoso. A forma substantivada é freqüente em Pero Meogo: *Levou-s'á louçana*, por *levantou-se a formosa* (C V, v 4). Nota-se que a permanência do /n/ indica a arcaicidade da forma, pois a síncope dessa consoante situa-se já no século XI, segundo Grandgent. Talvez a forma fosse apenas de uso literário. *Lautiana* > *lautyana* > *louçana* > *louçãa* > *louçã* (gentil, amável, graciosa, elegante).

Tardey – Verbo *tardare*, já comentado no transcórre do estudo. Aqui, encontra-se na 1.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, assim: *tardavi* > *tardai* > *tardei*. O /y/ por /i/ já apreciado.

Madre – Substantivo feminino, do latim *matre* (*mater*, *matris*). Talvez mãe tivesse derivado de *made* por influência possível da linguagem infantil. Outros a consideram forma analógica da dissimilada *frade* > *fratre*, pois são palavras pertencentes ao mesmo campo semântico. A ter existido a forma *made*, certamente ela coexistiu com *madre*. Assim: *matre* > *madre* > *made* > *mãe*.

Cervos – Substantivo comum masculino plural (veados). Na época era símbolo da sexualidade masculina. Procede do latim *cervos* > *cervos*.

Do – Combinação da preposição *de* com o artigo definido, masculino, singular *o*. Vem do latim e passa por síncope e sinalefa. *De + illu* > *de + lo* > *do*.

Monte – Substantivo comum, masculino, singular. Deriva do latim *mons*, *montis*. *Monte* > *monte*.

Aqua – Substantivo comum, feminino, singular, do latim *aqua*. A forma *augua* resulta, possivelmente, do cruzamento de *agua* com *auga*, forma arcaica. *Aqua* > *água*

Volvant – Tp. *volvo*, *volvis*, *volvi*, *volutum*, *volvere*. 2.ª conjugação, 3.ª pessoa plural do pretérito imperfeito do indicativo. *Volvant* > *volviam*.

Mentir – Tp. *mentior*, *mentiris*, *mentitus sum*, *mentire* (por *mentiri*). Tem-se o emprego do infinitivo no lugar do presente do indicativo, atenuando estilisticamente a afirmação. *Mentire* > *mentir*.

Amigo – Substantivo comum, masculino singular. Do latim *amicu* > *amico* > *amigo*. Da segunda declinação. *Amicu* > *amico* > *amigo*.

Nunca – Do latim *nunquam*. Advérbio de tempo. Em sílaba átona /qu/ > K (c). A forma *nuncas*, com /s/ paragógico é também documentada na língua arcaica. Surgiu por analogia com outros advérbios terminados com /s/. *magis*, *plus*, *foras*. Em francês surge, também, um /s/ analógico em advérbios ou preposições: *sine* + s > *sans*; *tandi* + s > *tandis*; *jadi* + s > *jadis*.

Fria – Adjetivo feminino, do latim *frigida*. *Frigida* > *frigda* > *frida* > *fria*. No espanhol, *fria*; italiano, *fredda*; francês, *froide*.

Os – Do latim *illos* > *elos* > *los* > *os*.

Amores – Do latim *amores*. Substantivo masculino, plural. *Haver amor* por *ter amor* por *estar apaixonado* (amor, paixão).

Ey – *tenho*, *hey*. É usual em tempos arcaicos a ausência do h etimológico.

Louçana – adjetivo e substantivo femininos. Do latim *lautiana* (Cortesão), derivado de *lautia*, forma vicária da clássica *lautus* (no masculino), que significa suntuoso. A forma substantiva é freqüente em Pero Meogo: *Levou-s' a louçana*, por *levantou-se a formosa* (CV, v4). Nota-se que a permanência do /n/ indica a arcaicidade da forma, pois a síncope dessa consoante situa-se já no século XI, segundo Grandgent. Talvez a forma fosse apenas de uso literário. *Lautiana* > *lautyana* > *louça-*

na>louçãa>louçã (gentil, amável, graciosa, elegante).

Tardey – Verbo *tardare*, já comentado no transcórrer do estudo. Aqui, encontra-se na 1.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, assim: *tardavi>tardai>tardei*. O /y/ por /i/ já apreciado.

Madre – Substantivo feminino, do latim *matre* (*mater, matris*). Talvez mãe tivesse derivado de *made* por influência possível da linguagem infantil. Outros a consideram forma analógica da forma dissimilada *frade<frate*, pois são palavras pertencentes ao mesmo campo semântico. A ter existido a forma *made*, certamente ela coexistiu com *madre*. Assim: *matre>madre>made>mãe*.

Cervos – Substantivo comum masculino plural (veados). Na época era símbolo da sexualidade masculina. Procede do latim *cervos>cervos*.

Do – Combinação da preposição de *com* o artigo definido, masculino, singular *o*. Vem do latim e passa por síncope e sinalefa. *De + illu > de + lo > do*.

Monte – Substantivo comum, masculino, singular. Deriva do latim *mons, montis*. *Monte > monte*.

Aqua – Substantivo comum, feminino, singular, do latim *aqua*. A forma *angua* resulta, possivelmente, do cruzamento de *agua* com *auga*, forma arcaica. *Aqua > água*.

Volviãnt – Tp. *volvo, volvis, volvi, volutum, volvere*. 2.ª conjugação, 3.ª pessoa plural do pretérito imperfeito do indicativo. *Volviãnt > volviãnt*.

Mentir – Tp. *mentior, mentiris, mentitus sum, mentire* (por *mentiri*). Tem-se o emprego do infinitivo no lugar do presente do indicativo, atenuando estilisticamente a afirmação. *Mentire > mentir*.

Amigo – Substantivo comum, masculino singular. Do latim *amicu > amicus*. Da segunda declinação *amicu > amico > amigo*.

Nunca – Do latim *nunquam*. Advérbio de tempo. Em sílaba átona /qu/ > K (c). A forma *nuncas*, com /s/ paragógico é também documentada na língua arcaica. Surgiu por analogia com outros advérbios terminados com /s/. *Magis, plus, foras*. Em francês surge, também, um /s/ analógico em advérbios ou preposições: *sine + s > sans; tandi + s > tandis; jadi + s > jadis*. A passagem qu > c, ao contrário do que pensam os filólogos, nada tem de especial (Cf. J. J. Nunes, Gramática histórica, p. 17). Com efeito somente em posição tônica é que se conserva a vogal labializada ou arredondada como em *qwattuor > quatro*. Em posição átona perde-se a labialização como em *qwaternu > caderno*. Nota-se, ainda, que em *nunca* a nasal impediu a evolução u > o, como em *mundu > mundo*, por exemplo.

Vi – Tp. *video, vides, vidi, visum, videre*. Está na 1.ª pessoa singular do pretérito perfeito do indicativo. *Vidi > vii > vi*.

Volvesse – Tp. *volvo, volvis, volvi, volutum, volvere*, 3.ª pessoa do singular,

pretérito imperfeito do subjuntivo: *volvesset* > *volvesse*. Significa rolar, desenrolar, dar voltas, revolver, turvar.

O – Artigo definido, masculino, singular. Do latim: *illu* > *elo* > *lo* > *o*.

Alto – Substantivo masculino, singular. Do latim: *altu* > *alto*.

2. 5. Glossário semântico

Digades – dizei

Velida – bonita, bela, formosa, linda

Fontana – forma arcaica (fonte) é de uso literário. Em francês ficou fontaine ao lado de source. Os amores ey / Estou apaixonada.

Louçana – gentil, graciosa, amável, elegante

Augua – água, rio, ribeiro, fonte

Volviant – revolviam, turvavam

Cervos – veados, na época, símbolo da sexualidade masculina. Em Pero Meogo aparece como símbolo de namorado ou de sexualidade viril.

Monte – mata, terra selvagem ou inculta.

Tardey – demorei, retardei-me.

Mentir – mentis. Emprego do infinitivo pelo presente do indicativo, expediente para atenuar a afirmação (estilisticamente).

Amigo – namorado, amado, aquele a quem se ama.

Mentir por amigo – mentir por amado, mentir por amor (para esconder o encontro que teve com o namorado na fonte).

Altu – alto – rio, ribeiro, corrente de água.

2. 6. Temática

Trata-se de de um diálogo entre mãe e filha. O motivo que a filha apresenta para justificar-lhe a demora na fonte é simbólico: os cervos do monte volviam a água. A mãe, porém, não acredita na desculpa da filha, dizendo-lhe: “ – Mentir, minha filha, mentir por amigo / nunca vi cervo que volvesse o rio”.

Estilisticamente a força afirmativa é atenuada pelo emprego do infinitivo. A mãe, afinal, descobre a verdadeira razão por que a filha tardou na fonte, onde rompeu o brial (perda da virgindade).

A propósito do poema, escreve Eugênio Asensio: No poema de Meogo, o

diálogo de mãe e filha está formado por três elementos:

- a) a mãe que pergunta (indaga) a demora da filha na fonte;
- b) a filha que alega uma escusa ambígua com um sentido literal e outro simbólico;
- c) réplica da mãe que não aceita a semântica literal e põe a lume o referente ao objeto simbólico.

Esse é um modelo que aparece em canções folclóricas francesas no século passado em que o cervo é substituído pelo rouxinol ou pelo pato. Trata-se de abordagem formal e temática de uma cantiga de amigo medieval portuguesa.

Referências

- AGUIRAZ, Mariano de. *Elementos de estilo e de gramática histórica*. São Paulo: Novel.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva.
- BOURCICZ, E. *Éléments de Linguistique Romane*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1967.
- CANCIONEIRO da Ajuda. Prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1945, v. 1.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. São Paulo: Ática.
- FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Ferreira.
- KOEHLER, Pe. H. *Dicionário latino-português*. Porto Alegre: Globo.
- LAPA, M. Rodrigues. *Crestomatia arcaica*. 3. ed. Lisboa, 1960.
- MANSUR GUÉRIOS, Rosário F. *Pontos de gramática histórica portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1937.
- MATTOSO CÂMARA JR. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ozon, 1964.
- MENÉNDEZ PIAL, Ramón. *Manual de gramática histórica española*. 13. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1968.
- MOISÉS, Massaud. Roteiro das grandes literaturas. *A literatura portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Cultrix.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

NUNES, José J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (fonética e morfologia). Lisboa: Livraria Clássica, 1969.

PRADO COELHO, Jacinto do. *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*. Brasil: Biblioteca Luso-Brasileira e Porto: Livr. Figueirinhas.

RIBEIRO CUNHA, Pe. Arlindo de. *A língua e a literatura portuguesa*. 6. ed. Braga, 1963.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de gramática histórica portuguesa*. Rio de Janeiro: Nacional, 1942.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro F. *Fonética Sintática*. Rio de Janeiro: Simões.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2. Ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

_____. *Textos arcaicos*. Lisboa: Livr. Clássica.

VASCONCELOS, Carolina M. de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Ver. De Portugal.

WILLIAMS, Edwin F. *Do latim ao português*. 2. Ed. Rio de Janeiro: IB/INL/MEC. Tradução de A. Houaiss, 1973.